

O Povo de Aveiro

Supplemento bi-mensal

SCIENCIA, ARTE E LITTERATURA

Propaganda social

Numero 13 — Anno I

ASSIGNATURA ANUAL

300 REIS

Aveiro, 22 de janeiro de 1911

AVULSO

10

Distribuido gratuitamente aos assignantes do POVO DE AVEIRO

Problemas

A questão do ensino

No ultimo numero da *Revue Internationale de l'Enseignement* vemos tres artigos interessantes, que chamaram desde logo a minha attenção. Um intitulado *Os estudos classicos e a Escola Polytechnica*. Outro intitulado *Sociedade d'Ensinho Superior*. Questionario: o ensino das linguas vivas nas Universidades e estabelecimentos d'ensino superior; as salas de trabalho, de conferencias, os seminarios d'estudos e organisações amplas nas Universidades francezas. O terceiro: *Inquerito sobre o ensino secundario na Italia*.

Este ultimo, infelizmente, limita-se a uma especie de summary dos dois grandes volumes sobre a historia e a situação actual do ensino secundario italiano, publicados pelo ministerio d'instrução publica do reino de Italia. Não conheciamos esses volumes e vamos ver se os obtemos, caso tenham sido postos á venda em Italia. Se tiverem sido postos á venda e não estiverem exgotados — é natural que o não estejam — é-nos muito facil adquiri-los. Mas em caso contrario, isto é, se a edição manteve o seu caracter official para todos os effeitos e por lá não ha quem vá aos alfarrabistas desfazer-se d'esses luxos, ficamos sem elles. De qualquer forma, o nosso ministerio do interior, se já os não tiver, tem a maior facilidade em os adquirir. Todo o mundo conhece os inqueritos identicos feitos em França e n'outros paizes. E n'esses paizes publicados em volume, como agora em Italia. Comtudo, nada se perde em ler tudo quanto apparecer de novo sobre o assumpto. E' claro que em Italia se debatem as mesmas questões que se debateram n'outros paizes. D'um lado os partidarios do ensino classico, do outro lado os partidarios do ensino utilitario, puramente utilitario. D'um lado os que querem o predomínio do ensino tecnico ou profissional. D'outro lado os que querem elevar o nivel da cultura geral. Mas lá vem um ou outro com idéas novas, com argumentos singulares, enfim, accrescentando qual-quer coisa ao que está dicto ou ao que já é conhecido. Depois as condições da Italia divergem das condições da França, como as condições da França divergem das condições da Alemanha, da Inglaterra, ou da Suissa. N'uns paizes é indispensavel attender mais ao ensino industrial, n'outros mais ao ensino agricola, n'outros mais ao ensino commercial. Uns paizes dominam mais pela sua litteratura, e então exigem mais cultura classica do que outros. E assim por diante. E' preciso ler tudo, estudar bem as condições de todos os povos, sem que isso importe a obrigação — Deus nos livre — de copiar tudo quanto elles fazem. Ler para discernir, para esclarecer, para augmentar o criterio, para tornar mais brillante e acurado e não mais rombo o senso commun.

Submettemos estas apreciações ao julgamento do sr. ministro do interior, agora que o sr. Antonio José d'Almeida pensa em reformar, e em reformar a sério, todos os ramos e graus da nossa instrução publica. Seria muito melhor deixar isso para a primeira assembleia legislativa. Mas se o sr. Antonio José d'Almeida quer mostrar que *tambem é gente*, e que nem só o Affonso Costa sabe legislar em dictadura, ao menos que não dê as provas de ignorancia, de desgraçada ignorancia, que não dá, estamos certo, e de falta de criterio, que tem dado o ministro da justiça.

Leia s. ex.ª os dois volumes sobre o inquerito da Italia ou faça-os ler aos seus collaboradores. Leiam tudo. Mas para se orientarem. E não para copiarem ás cegas. Isso, Deus nos livre!

O primeiro artigo citado — *Os estudos classicos e a Escola Polytechnica* — esse é muito interessante e já pode dar ao sr. Antonio José d'Almeida uma idéa nitida da corrente que lá fóra se vae estabelecendo contra a moda utilitaria de por n'um plano secundario os estudos classicos. Já demonstrei no *Povo de Aveiro* como na Suissa a Associação dos Medicos protestou contra a projectada reforma que tendia a supprimir o grego dos preparatorios medicos. Pois agora na França protestam os engenheiros contra a eliminação da preferencia dada ao latim como um dos titulos d'admissão na Escola Polytechnica. E' interessante, pois não é? Parece que os medicos, os engenheiros, os mathematicos é que deviam ir na corrente da *moda utilitaria* que se revolta contra as *humanidades*. Pois é o contrario. Os medicos protestam. Os engenheiros protestam. Como os maiores defensores do latim não são, no mundo, os povos latinos, mas os povos de origem saxonica e germanica!

Quem é que protesta em França contra o facto que estamos referindo? Nada menos que o *Comité des Forges* [Fundições]! Nada menos que a *Sociedade dos amigos da Escola Polytechnica*!

Quem ver? Vale a pena.

Eis a carta do sr. Guillaín ao ministro da instrução publica. Vae em francez, porque tem assim outra auctoridade e outro sabor. Mas vae em se- guida a traducção para quem não souber francez.

Monsieur le ministre

Un certain nombre de nos adhérents nous ayant signalé les inconvénients que présente la suppression des avantages de points accordés jusqu'à présent aux candidats à l'Ecole polytechnique pourvus du certificat de la première partie du baccalauréat, avec l'une des mentions indiquant des études latines, la commission de direction du Comité des Forges de France a mis à son ordre du jour l'examen de la formation que reçoivent à l'heure actuelle nos jeunes ingénieurs, tant dans les grandes Ecoles, que lors de leur passage dans l'Université.

C'est pour remplir le mandat qui nous a été donné que nous venons, Monsieur le ministre, vous exprimer les graves préoccupations que nous cause, pour l'avenir de l'industrie, l'affaiblissement, sans cesse croissant, de la culture générale chez nos jeunes collaborateurs.

Bien que ceux qui ont l'honneur d'être aujourd'hui à la tête de l'industrie française et qui se trouvent avoir ainsi, pour une part importante, la charge du présent et de l'avenir de notre pays, ne soient pas appelés à participer à l'élaboration des programmes universitaires, et qu'ils doivent recevoir leurs collaborateurs et leurs continuateurs tels que l'Université les a préparés, ils estiment cependant, Monsieur le ministre, remplir leur devoir en vous signalant les inconvénients et les lacunes qu'a révélés dans la pratique l'application de ces programmes.

Nous ne saurions trop appeler votre bienveillante attention sur l'extrême importance que présente l'enseignement secondaire au point de vue de la formation de nos futurs collaborateurs. L'enseignement qui est donné dans nos grandes écoles scientifiques ou techniques, à l'Ecole polytechnique, aux Ecoles des mines et des ponts et chaussées, à l'Ecole centrale des arts et manufactures, n'opère que sur les bases qu'il trouve; s'il est purement technique, il ne saurait donner la culture générale, et, dans son objet même, il est contrarié par l'insuffisante préparation de ses sujets; s'il est de culture scientifique générale, il ne peut initier à cette culture des esprits qui n'ont pas été formés ou qui ont été hâtivement spécialisés.

Or, tous les chefs de nos grandes industries constatent, à l'heure actuelle, que, quelle que soit l'Ecole d'où ils sortent: Ecole polytechnique, Ecole supérieure des mines, Ecoles des ponts et chaussées, Ecole centrale des arts et manufactures, nos jeunes ingénieurs sont, pour la plus part, incapables d'utiliser avec profit les connaissances techniques qu'ils ont reçues, par l'incapacité où ils sont de présenter leurs idées dans des rapports clairs, bien composés et rédigés de manière à faire saisir nettement les résultats de leurs recherches ou les conclusions auxquelles les ont conduits leurs observations.

Cette incapacité n'a pas seulement pour effet de diminuer la valeur et le rendement utile de nos collaborateurs, elle a eu plus le grand inconvénient de diminuer singulièrement le nombre des hommes que la netteté et l'ampleur de leur intelligence, la rectitude et la profondeur de leur jugement désignent pour diriger les grandes affaires, en créer de nouvelles, et maintenir la France au rang que, malgré la faiblesse de ses ressources naturelles, son clair génie a su lui assurer à la tête du progrès des arts et des sciences industriels.

Il nous paraît, Monsieur le ministre, que cet affaiblissement dans la culture générale de notre jeunesse doit trouver sa cause, non seulement dans les différentes réformes de l'enseignement secondaire que nous avons vu se produire depuis un certain nombre d'années, et qui ont trouvé leur pleine expression dans les programmes de 1902, mais encore dans l'esprit qui entraîne aujourd'hui tout l'enseignement universitaire, et qui, pour accroître le nombre des connaissances mises à la portée de la jeunesse, la dispense de plus en plus de la pénible, mais fructueuse discipline de l'effort personnel. A l'heure actuelle, si l'enseignement moderne ne nous donne pas ce qu'on nous avait promis, des jeunes gens bien armés pour la vie, ayant la pleine pratique des sciences usuelles et des langues étrangères, ce qui reste de l'enseignement classique n'assure plus aux grandes Ecoles, chargées de former les futurs chefs du travail national, des sujets assez largement et puissamment cultivés pour recevoir utilement l'enseignement supérieur qu'elles dispensent.

Aussi, Monsieur le ministre, nous permettons-nous d'appeler toute votre attention sur la nécessité de la refonte des programmes de l'enseignement secondaire et sur le danger de toutes les mesures, telles que celle qui a motivé cette lettre, qui tendraient, par des équivalences que rien ne justifie, à faire perdre à l'enseignement secondaire classique la part prépondérante qu'il doit occuper dans la formation des jeunes gens destinés au recrutement de nos grandes écoles.

Veuillez agréer, Monsieur le ministre, l'assurance de notre haute considération. — Le Président du Comité des Forges, GUILLAÍN.

Senhor Ministro.

Tendo-nos assignalado varios dos nossos adherentes os inconvenientes que apresenta a suppressão das vantagens de pontos concedidos até aqui aos candidatos á Escola Polytechnica munidos do diploma d'approvação em estudos de latim, a commissão da direcção do *Comité des Forges* examinou as habilitações que recebem actualmente os nossos jovens engenheiros, tanto nas grandes Escolas como na Universidade.

E' no desempenho do mandato que me foi conferido que eu venho, Senhor Ministro, transmittir-vos as graves preoccupações que nos causa, relativamente ao futuro da industria, o enfraquecimento, cada vez maior, da cultura geral dos nossos jovens collaboradores.

Ainda que aquellos que teem a honra de estar á frente da industria franceza e que julgam assumir assim, em proporção importante, o encargo do presente e do futuro do nosso paiz, não sejam chamados a participar na elaboração de programmas universitarios, e devam receber os seus collaboradores e os seus continuadores taes como a Universidade os preparou, elles julgam entretanto, Senhor Ministro, cumprir o seu dever assignalando-vos os inconvenientes e as lacunas que na pratica tem revelado a applicação d'esses programmas.

Não é demais chamar a vossa attenção para a extrema importancia que reveste o ensino secundario sob o ponto de vista da formação dos nossos futuros collaboradores. O ensino ministrado nas nossas grandes escolas scientificas ou technicas, na Escola Polytechnica, nas Escolas de minas e de pontes e calçadas, na Escola central d'artes e manufacturas, opera sobre as bases que encontra: se é puramente technico, não pode dar a cultura geral, e, dentro do seu proprio objectivo, é contrariado pela insufficiente preparação dos alumnos; se é de cultura scientifica geral, não pode iniciar n'aquella cultura espiritos que não foram formados para ella ou que muito cedo se especialisaram.

Ora todos os chefes das nossas grandes industrias constataam, na hora actual, que, seja qual for a Escola d'onde elles saiam: Escola Polytechnica, Escola superior de minas, Escola de pontes e calçadas, Escola central d'artes e manufacturas, os nossos jovens engenheiros são, pela maior parte, incapazes d'utilizar com proveito os conhecimentos technicos que elles teem recebido pela impossibilidade de expor idéas em relatorios claros, bem compostos e redigidos de maneira a fazerem assimilar nitidamente os resultados dos seus estudos e as conclusões a que os teem conduzido as suas observações.

Esta incapacidade não tem sómente por effeito diminuir o valor e o rendimento util dos nossos collaboradores, tem tambem o grande inconveniente de diminuir singularmente o numero de homens que a clareza e amplidão da intelligencia, a rectidão e profundidade do juizo designam para dirigir os grandes negocios, ou crear outros, e manter a França na cathegoria que, apesar da fraquesa dos seus recursos naturaes, o seu claro genio lhe assegurou á frente do progresso das artes e das sciencias industriaes.

Parece-nos, Senhor Ministro, que se deve encontrar a causa d'este enfraquecimento da cultura geral da nossa mocidade, não só nas diferentes reformas do ensino secundario que se teem succedido nos ultimos annos mas ainda no espirito que hoje domina todo o ensino universitario e que é, para augmentar o numero de conhecimentos postos ao alcance da mocidade, dispensar cada vez mais a penosa mas proveitosa disciplina do esforço pessoal. Na hora presente, se o ensino moderno não nos der o que nos prometteram, isto é, mancebos bem armados para a vida, com plena pratica das sciencias usuaes e das linguas estrangeiras, o que resta do ensino classico não assegura mais ás grandes Escolas, encarregadas de formar os futuros chefes do trabalho nacional, individuos largamente e poderosamente cultivados para receberem utilmente o ensino superior, que ellas ministram.

Assim, Senhor Ministro, permittimo-nos chamar toda a vossa attenção sobre a necessidade de refundir os programmas d'ensino secundario e sobre os perigos de todas as medidas, como aquella que motivou esta carta, que tendam, por equivalencias que nada justifica, a fazer perder ao ensino secundario classico a parte preponderante que elle deve occupar na formação dos mancebos destinados ao recrutamento das nossas grandes escolas.

Em seguida a esta carta vem a resposta do ministro, que se declara profundamente dedicado á cultura classica, cujas virtudes são, a seus olhos, muito efficazes, e após a carta do ministro uma nota da Sociedade dos amigos da Escola Polytechnica, de que trataremos no numero immediato.



O Syndicalismo em França

No momento em que, em Portugal, as classes operarias tão agitadas se mostram, fazendo greves e desfazendo greves com a facilidade salaio de encabar cebolas, sem chegar a um resultado pratico nem obter uma conquista seria, parece-me interessante fazer um estudo sobre o que é o syndicalismo, palavra que anda na bocca de toda a gente e cuja verdadeira significação tão poucos conhecem.

Antes de tudo, e pois que esta serie de artigos não tem outro fim senão esclarecer e orientar, sem requintes de forma nem preoccupações litterarias, ao mesmo tempo sem facciosismo de qualquer ordem, começaremos por definir o syndicalismo d'uma maneira geral, passando depois a analysar as duas correntes mais importantes que a dentro d'elle se formaram, ou seja — o syndicalismo revolucionario e o syndicalismo reformista.

Estudaremos, ainda, a forma como o syndicalismo se desenvolveu em França, a corrente predominante, os meios postos em pratica e os resultados obtidos.

No *Supplemento d'O Povo de Aveiro* falarão, sobre este assumpto, os vultos mais em evidencia no movimento operario francez, fornecendo aos leitores elementos de juizo indispensaveis a quem desejar ter uma idéa nitida do que é o syndicalismo em França, para, tiradas as conclusões geraes e uma vez feita a adaptação local, saber o que convem ao operariado portuguez.

Porque — e é este o nosso grande mal — nunca se faz, entre nós, um estudo serio do meio local antes de promulgar uma lei baseada em leis estrangeiras ou de formar uma corrente de opinião parallela ás dos outros paizes civilizados. Copia-se, macaqueia-se ignobilmente, sem attender ás circumstancias fundamentais do meio ambiente, diferente, por vezes antagonico, de região para região, de nacionalidade para nacionalidade. Isto causa, naturalmente, uma desordem absoluta nos costumes e na vida nacional, uma desorientação enorme sobre

todas as questões das quaes depende, hoje, a vida das sociedades e o progresso dos povos.

Em Portugal, morto todo o espirito creador, intellectualmente atrazado um seculo em relação a quasi todos os povos da Europa, só ha uma coisa a fazer — adaptar. Mas se copiar é facilimo, adaptar é muito difficil, sobretudo dada a preguiça mental commum a todos os nossos dirigentes. E' isso que os mata, é esse obstaculo que os inutilisa sempre que teem de fazer uma obra de construção. Não se lê, não se estuda, não se sabe coisa nenhuma. Tudo quanto se diz e se escreve é apanhado de ouvido ás mezas dos cafés, á porta das tabacarias ou no intervallo dos theatros, nas montras das livrarias ou n'uma revista estrangeira em que se pega... por engano.

Outros ha, e todos nós os conhecemos, que, sem preparação para amannuenses de secretaria, resolvem fazer concurso para sabios. Compram então todos os livros que chegam do estrangeiro, lêem-nos, relêem-nos. E annos depois, n'um discurso palavroso proferido á luz de mil lampadas, com gestos á seculo XV e referencias fogosas á cidade bendita da paz, da luz e do amor, nos affirmam que Schopenhauer descobriu a lei da gravitação e Goethe escreveu a *Crítica da Razão Pura*.

Eis, em synthese, o que são os nossos dirigentes. E se é verdade que em toda a parte se encontram estes exemplares, é necessario não esquecer que elles são immediatamente liquidados e postos á margem por uma opinião forte, intelligente e culta, que os não escuta, que os não lê, nem lhes confia os altos cargos da nação, porque só n'um paiz de analfabetos consegue ser ministro da justiça e lente de direito um homem que todos os dias manifesta a mais absoluta incompetencia em questões juridicas, ou director d'um grande jornal com pretensões a orientador da opinião publica um nullo provado.

Não havendo pois uma élite intellectual capaz, nem um publico instruido e educado para corrigir as imbecilidades, os desmandos ou as loucuras dos dirigentes, o paiz navega ao sabor da aragem, sem rei nem roque, despedaçando as carnes nas pedras do caminho, perdendo a energia e a coragem sempre que um acontecimento de monta vem perturbar a banalidade da vida quotidiana.

E n'este momento, depois d'uma revolução que abalou profundamente todo o paiz, quando se estão promulgando leis da maior importancia para a vida e progresso da nação, discutindo doutrinas do mais largo alcance social e questões que raros conhecem com segurança entre nós, *O Supplemento d'O Povo de Aveiro* prestará mais um grande serviço ao publico que tem desejo de aprender, pondo-o ao facto da genese e desenvolvimento d'essas medidas no estrangeiro, do resultado colhido e da opinião que sobre ellas se forma actualmente nos paizes onde de ha annos se vem experimentando a sua boa ou pernicioso influencia.

Faremos este estudo especialmente em França, não só porque vivemos aqui e nos é portanto mais facil fazer affirmações documentadas e seguras, como ainda porque é o paiz que mais directamente nos influencia e orienta.

No proximo numero pois, que este artigo já vae longo, definiremos clara e syntheticamente o *syndicalismo* e estudaremos as suas duas formas principaes, entrando depois na analyse documentada da sua acção e influencia entre o operariado francez.

Paris, janeiro de 1911.

Homem Christo, Filho.



O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal

XIII

Depois de nos ter dado o typo do camponez de Mirandella, Poincard dá-nos o typo do vinhateiro do Douro. Mas começa por descrever a região do Douro.

O rio Douro cavou no massiço de granitos e de schistos que forma a ossatura da região, um sulco profundo, muito estreito na parte superior do valle, mais largo e menos abrupto na parte inferior. As brisas do oceano percorrem o valle quasi sem obstaculos e trazem-lhe muita humidade. E' abrigado dos ventos frios do norte pelas montanhas de Traz-os-Montes e d'ahi resulta um clima d'uma excepcional doçura. A vegetação, sobretudo a da margem direita, é magnifica, recordando muitas vezes a do Algarve. A amendoeira, por exemplo, só se encontra no Algarve e na margem direita do Douro. Por isso se chama a esta região o jardim de Portugal. E, na verdade, Portugal inteiro poderia ser um esplendido jardim se a população soubesse ou podesse tirar partido das vantagens que lhe deu a natureza.

A região do Douro produz com abundancia milho e outros cereaes, legumes, fructa e azeite. Mas o seu producto mais importante e mais reputado é o vinho.

Poincard refere-se em seguida ás qualidades conhecidas de vinho do Douro e em especial ao vinho do Porto. Accentua que entre as casas de preparação e exportação de vinho do Porto ha muitas casas inglezas, algumas allemãs e algumas francezas. Que se avalia em 70 a 80 milhões de francos o valor dos vinhos que Portugal exporta annualmente, sendo 45 a 50 milhões só de vinho do Douro e 30 milhões de vinho fino ou vinho do Porto. Considera estes valores muito importantes, mesmo a fonte mais importante da exportação portugueza. Mas accrescenta que, á parte um limitado numero de casas nacionaes e estrangeiras, a immensa maioria dos vitedores é constituída por pequenos camponezes desprovidos dos conhecimentos e do material necessarios para fabricar bem o seu vinho.

Em Portugal succede com o vinho o que succede com o azeite. A materia prima é boa, muitas vezes mesmo excellente, mas o trabalho d'elaboração é muitas vezes mediocre, á falta de direcção intelligente e de boa preparação e utensilios.

Poincard regista que a excessiva produção depois da reconstituição das vinhas, junta á causa que fica referida, produziu uma crise, traduzida por um consideravel abaixamento de preços e redução de exportações. Para remediar este estado de coisas vieram diferentes medidas legislativas, uma serie de decretos, de regulamentos e de leis, promulgadas em 1905, 1907 e 1908 completando-se e modificando-se umas ás outras e que estabeleceram

o regimen seguinte. Primeiro, a cultura da vinha foi prohibida em todos os terrenos d'uma altitude inferior a 50 metros e mesmo em todos aquelles designados por uma commissão nomeada para esse effeito pelo governo, sendo apenas permittido substituir as cepas mortas nas antigas plantações. Em caso d'infracção, as plantas novas são arrancadas e é applicada uma multa de 100 reis por cada pé.

Esta suspensão de cultura foi decretada até 1911, podendo o praso ser prorogado.

Segundo, para desenvolver a exportação foram concedidos grandes privilegios ás companhias vinícolas, obrigando-se estas a melhorar a cultura, a fabricação e o commercio dos vinhos nacionaes. Alem d'isso, para manter a reputação dos vinhos finos portuguezes foi prohibido exportar pela barra do Porto e porto de Leixões vinhos licorosos, salvo Madeira, Carcavellos e moscatel de Setubal, bem como dar o nome de vinho do Porto a todo o vinho que não proviesse da região d'este nome.

Poinsard commenta que estas medidas não deram o resultado desejado. Segundo elle todo o mal resultou e resulta da mediocre organização da propriedade e da cultura. E da especulação. Entretanto parece que, diz, proprietarios e governantes querem persistir no seu erro.

E passa a analysar o typo do vinhateiro do Douro, nos termos que veremos no numero seguinte.



O meu jornal

AS FEMINISTAS DERROTADAS

Com razão ou sem ella, justa ou injustamente, o certo é que as mulheres levaram, a semana passada, no Instituto de França, uma derrota formidavel, pois que os homens mais eminentes de Paris resolveram, por uma grande maioria, votar contra a entrada das mulheres na Academia Franceza.

Este facto tem uma importancia enorme e representa, para as feministas, um cheque muito superior ás forças femininas. E' o principio da derrota definitiva. Porque se o Instituto não tem força, como elle proprio declara na primeira parte da moção approvada por unanimidade, para impôr a sua opinião ás Academias, não é menos verdadeiro que estas acatam quasi sempre, senão sempre, as suas decisões. Dentro em pouco se saberá a influencia que o voto do Instituto exerceu sobre a Academia das Sciencias que vae discutir a entrada de M.^{me} Curie no seu seio. Até ser conhecida a decisão do Instituto, eu creio que, approximadamente, M.^{me} Curie tinha tantos votos contra, como a favor. Mas agora o caso mudou muito e provavelmente a celebre cientista não logrará ainda abrir o precedente.

Este facto impressionou-me e desgosta-me a idéa de que M.^{me} Curie não seja admittida. Porque eu, sendo um adversario encarniçado da entrada da mulher na vida politica, quer como eleitora, quer como elegivel, entendo que ella tem direito a ser consagrada sempre que se destaca da forma como M.^{me} Curie se destacou no mundo scientifico contemporaneo, pela sua intelligencia luminosa e pelas suas rarissimas faculdades de trabalho e persistencia.

Ha mulheres de eleição, como ha homens de eleição. E se a mulher é, em geral, intellectualmente, inferior ao homem, alem de muito menos culta, tanto mais para admirar e festejar uma mulher que se eleva e se engrandece, pelo seu talento, pelo seu trabalho, obtendo não só um logar proeminente entre o seu sexo como ainda na vida intellectual do mundo inteiro.

Obteve-o M.^{me} Curie? Ninguém o nega, nem em Paris, nem em qualquer outra parte. Nenhum membro do Instituto aventou tal argumento. E sendo assim, sendo M.^{me} Curie universalmente considerada como uma creatura de excepcional valor, porque não dar-lhe o premio a que tem jus? Acho injusto, e as razões com que o Instituto fundamenta a sua resolução não me parecem de nenhuma forma acceitaveis.

Diz a moção, (2.^a parte): ... "e espera e deseja que as suas tradições, sempre mantidas, não sejam agora quebradas."

E' verdade. Nunca se fez. Mas nunca se fizeram outras coisas que se estão fazendo agora. A tradição não deve ser bastante forte para nos impedir de commetter actos de justiça que não trazem o menor prejuizo á sociedade. Receiam abrir o precedente? Mas está na sua mão elegerem só quem julgarem merecedor d'essa distincção. Não são elles os juizes? De resto esses argumentos não resistem a dois minutos de analyse. Acho ocioso discuti-los e não consigo perceber o que motivou a lamentavel decisão do Instituto. Seria um vergonhoso facciosismo? E' provavel. Mas foram baldados todos os esforços. Cada vez me convenço mais — e agora já estou mais convencido do que ao

principiar este artigo — de que a Academia das Sciencias vae eleger M.^{me} Curie. E' fatal. Essa mulher tem direito, essa mulher tem muito mais direito a fazer parte da Academia do que a maior parte dos seus membros. A justiça triumphará, pois, mais uma vez e M.^{me} Curie será eleita.

Entretanto — note-se bem — a eleição de M.^{me} Curie para a Academia das Sciencias não representa, de nenhuma forma, uma victoria para o feminismo. O feminismo tem cada vez menos adeptos em França e não serve senão para cobrir de ridiculo as suas propagandistas.

Ha dias, ceando eu no mesmo restaurant onde hoje escrevo esta chronica, no Restaurant Weber, à Rue Royale, com o deputado radical Lonedec, com o sr. Jean Hirigoyen, sub-chefe do Gabinete do Ministro dos Trabalhos Publicos e com o redactor da "Femina", M. René Sangy, falei-lhes da viagem emprehendida pela M.^{me} Pelletier a Portugal, e qual não foi o meu espanto quando elles me affirmaram que as feministas francezas estavam desesperadas com ella por se ter arrogado, sem que ninguém lh'os concedesse, poderes para falar em nome das feministas de França! O deputado Lonedec contou-me então a impressão desagradavel que causou em Paris a noticia de que o voto ia ser concedido ás mulheres entre nós, e explicou-me, rindo ás gargalhadas, o que seria de ridiculo o direito de voto dado ás mulheres, mesmo em França, onde a percentagem dos analphabetos nos dois sexos é muito menor de que em Portugal.

Lonedec, que é um bello espirito, cheio de "verve", fez-me rir a valer, contando-me como se fazem as eleições em Quimperley, por onde é deputado, e eu reproduziria aos leitores do "Supplemento", as palavras do meu bom amigo, se um motivo importantissimo me não impedisse hoje de o fazer:

E' que é meia noite e um formidavel ataque de grippe obriga-me a ir para a cama. Mas não perdem com a demora.

Homem Christo, Filho.



ALCOOLISMO

XIII

Continua o sr. Ramalho Fontes:

Comecemos por analysar os diferentes estados do alcoolismo, desde a simples embriaguez até ao alcoolismo chronico, com as suas variadas formas.

Seguiremos a mesma ordem por que fizemos a descripção das formas clinicas do alcoolismo. Figuremos varios casos.

Um crime foi praticado em estado de embriaguez. Devem, pois, ser punidos os ebrios pelos delictos commettidos durante a embriaguez? Conforme.

Nos primeiros periodos ainda o individuo é consciente dos seus actos e, portanto, alguma responsabilidade existe na sua pratica; mas, na embriaguez completa, a liberdade de acção não existe; por isso, ha irresponsabilidade. Nos primeiros periodos ha, em verdade, um estado de consciencia mais ou menos accentuado; mas isso não elimina a ideia de supôr a existencia de uma predisposição hereditaria para o crime, diminuindo muito a responsabilidade do individuo embriagado, pelos actos que praticou.

Se um individuo bebe, não é, na maior parte dos casos, para se embriagar: é porque para isso tem tendencia. Assim, nem sempre podemos ou devemos considerar a embriaguez como um acto voluntario e, portanto, voluntarios os delictos durante ella commettidos.

Algumas vezes, o individuo, parecendo fallar-lhe a coragem para perpetrar o crime, procura apagar com uma onda de vinho os calores da sua consciencia: "electrisar, como diz Basset, os seus nervos, carregando-os, para que, no momento preciso, os musculos não vacilem."

E' bem manifesta a pathogenia do crime, n'estes casos. Como succede em certas doenças, em que é necessaria uma causa estranha para nos fazer conhecer o seu diagnostico, assim, nos individuos dispostos ao crime por uma psycho-physiologia anormal, a embriaguez desempenha o papel d'essa causa occasional para nos dar a conhecer a pathogenia mental d'esses individuos.

Succede, como sabemos, na tuberculose, o que acabamos de dizer; pois, muitas vezes, injectamos a tuberculina, com o fim de nos elucidar sobre o diagnostico. O individuo, que se embriaga n'essas condições, não deseja mais do que afivelar uma mascara para dar expansão ás tendencias irresistiveis, que lhe corroem o cerebro.

N'estes casos, a embriaguez parece-nos ser um acto algo dependente da vontade e, portanto, punivel.

Pune-se a embriaguez, que deu occasião á perturbação d'um crime; mas não se deve punir essa predisposição, porque, d'ella, o individuo não é responsavel.

Casos ha, em que o individuo, portador d'um desarranjo, na sua mentalidade, por phenomenos de auto-sugestão, premedita o seu crime, que, mais tarde, reaparecerá, durante a embriaguez, obedecendo o individuo, n'esse estado, automaticamente á impulsão determinada pela liberação de uma energia accumulada no seu cerebro, durante o estado de lucidez, que rigorosamente não existe.

Esta auto-sugestão ou premeditação, que, na embriaguez, fez commetter um crime, deve ser punida? E', porventura, um acto voluntario? Evidentemente que não.

O individuo, que se deixa auto-sugestionar, mostra bem que é um fraco, que o seu systema nervoso central não é normal, e por isso, é um tanto irresponsavel.

Mas, todas estas considerações nos levam á conclusão de que se não deve punir ninguém em taes condições e com o que concordamos plenamente. Deve-se, sim, dar-lhe o tratamento psychico de que carece, e que, em muitos casos, e, como sabemos, inefficaz, mas, em muitos outros, manifestamente aproveitavel.

Admittimos mesmo que, para aquelles individuos, que parece embriagarem-se voluntariamente e, por conseguinte, responsaveis por todo e qualquer acto mau que pratiquem durante esse estado de quasi inconsciencia, essa embriaguez não é absolutamente voluntaria, mas dependente, unica e simplesmente, d'um tal ou qual estado de anormalidade psychica, que, embora não tenha sido exteriorizado intensamente, nem por isso podemos deixar de o acreditar.

Se o individuo é tido como um anormal, um hygido e a sua embriaguez pareceu ser devida á sua propria vontade, o que não cremos, a não ser que não admittamos previamente a anormalidade mental, então a questão tem outro aspecto.

Precisamos conhecer, se o acto criminoso foi ou não praticado no periodo de embriaguez completa ou incompleta, — problema, em verdade, cheio de difficuldades, mas tambem pleno de interesse pratico.

Uma pergunta nos surge. Que se entende por embriaguez completa, de que tanto nos fala a lei? É a embriaguez, em que nem a intelligencia nem a vontade funcionam dentro dos limites da actividade normal.

Mas quaes são os limites da actividade normal? É esta outra pergunta, que de prompto nos assalta.

Segundo os medicos legistas, são aquelles em que o individuo tem o conhecimento claro ou obscuro do acto e das suas consequencias, admitindo implicitamente a possibilidade de se abster d'esse acto ou de o praticar.

Ora, este conhecimento ou esta possibilidade de se abster ou de praticar um acto delictuoso só se observa no homem normal e não n'aquelle que se embriaga.

O individuo que se embriaga, já não é um normal e, por isso, não é admissivel invocar o estado de consciencia, mais ou menos perfeita, dos primeiros periodos da embriaguez — onde ella, portanto, já não é completa — como motivo sufficiente para condemnar um individuo por ter commetido um acto mau.

Isto pelo que respeita ao crime praticado uma só vez, durante a embriaguez.

Consideremos agora as reincidencias. O art. 185.º doCodigo Penal pune as reincidencias com penas successivamente maiores. É um perfeito absurdo. Pois as reincidencias não nos estão a indicar, e bem claramente, a tendencia irresistivel do reincidente, tendencia, que não é senão o producto da sua anormalidade psychica?

O que conviria antes, era diagnosticar etiologicamente, isto é, procurar o motivo que o levou a beber, verificar em que alteração mórbida, se ella é definida, devemos filiar o crime e adaptar-lhe o tratamento conveniente.

Quando descrevemos as formas clinicas do alcoolismo agudo, dividimo-las em: *embriaguez normal* e *pathologica*. Esta divisão, na sua essencia, não tem razão de existir, visto que não admittimos a embriaguez normal.

Já dissémos porque assim o consideramos; no entanto, alguma coisa accrescentaremos para esclarecer o assumpto. A base d'essa classificação está em considerarmos a embriaguez n'um individuo normal e n'um individuo pathologico.

Vimos já, que um individuo que se embriaga não é um normal: é, na expressão de Legrain, um degradado inacessivel aos beneficios da educação, um ser que os seus fataes instinctos obrigam a uma guerra constante com a sociedade, a qual não está adaptado.

Achamos demasiadas, estas affirmações de Legrain. Se bem que em muitos casos a tendencia para beber seja completamente indomavel e que nós sabemos ter uma origem, nitidamente pathologica, em outros, a inclinação para o excesso da bebida pode ser modificada por um tratamento conveniente.

Essa tendencia indomavel para beber observa-se, principalmente, quando ha nos paes o alcoolismo convergente.

Passemos agora ao **alcoolismo chronico**.

Se, dentro dos dominios do alcoolismo agudo, não achamos motivo sufficiente para condemnar um criminoso, muito menos o encontramos nas variadas formas do alcoolismo chronico.

Na primeira forma nosologica, que descrevemos — a da degenerescencia alcoolica, — a propria designação indica, que o alcoolico, n'este estado, é um degenerado, tendo o seu estado intellectual bastante perturbado e, portanto, uma responsabilidade quasi extincta.

Nas outras formas, que egualmente apresentamos, ainda muito menos bases teriamos para considerar um criminoso alcoolico como um culpado dos seus delictos, dos seus crimes.

Tanto na forma allucinatória, como na forma de demencia, o individuo criminoso alcoolico é absolutamente irresponsavel. A's formas agudas do alcoolismo chronico, principalmente ao *delirium-tremens* e a *dipsomania*, póde-se applicar o mesmo criterio.

Os individuos, durante os seus accessos, podem commetter os maiores delictos, que lhes são indicados pelas allucinações horroscas, que tanto os atormentam e das quaes elles se esforçam por se libertar.

Com respeito ás outras formas agudas do alcoolismo chronico, das quaes nós nos limitamos a indicar os nomes, por não constituírem estados mórbidos definidos e que são descriptos, por alguns auctores, com os nomes de *typhomania alcoolica*, *mania ambiciosa alcoolica*, *delirio da perseguição* e *delirio clunento*, achamo-nos auctorizados a concluir, pelas analogias que ellas apresentam com as formas nosologicas descriptas, que a responsabilidade dos individuos, incluídos em qualquer d'esses grupos, é muito limitada.

A responsabilidade deixa, porém, de existir, podemos affirmar-o, se se trata d'um alcoolico propriamente dito, sobretudo n'este periodo em que, segundo a expressão de Buknill "o homem bebe, porque está alienado; ou está alienado, porque bebe."

O homem, então, sob a impulsão allucinadora do alcool, perde a consciencia e a memoria. O suicidio, os homicidios, os incendios, os roubos, os attentados contra o pudor são por elle praticados com a mesma facilidade com que bebe o alcool.

O alcoolico é a victima continua de illusões melancholicas, a preza do delirio aterrador, que imprimem ao seu espirito ideias de perseguição e projectos homicidas.

E', então, sombrio, irascivel; só escapa a insomnia para ser atormentado pelos mais horribes pesadelos. Muitas vezes, vozes imaginarias vêem ordenar-lhe, aos ouvidos allucinados, o assassinio d'um dos seus semelhantes. Então, o alcoolico é, na realidade, um alienado e, portanto, absolutamente irresponsavel pelos seus actos.

O alcool é, sem duvida, um dos maiores inimigos da razão humana.

Um orador, n'um dos ultimos *meetings* d'Anvers, assegurava que, na Belgica, segundou uma estatística muito provavel, os negociantes de vinho e gerentes de hotéis entravam na proporção de 20 por cento na sequestração dos alienados.

Dissemos já, em que consistiam as allucinações alcoolicas. São muito variados, mas, geralmente, phantasticas.

A ferocidade dos bebedores não tem outra causa senão as referidas allucinações.

Vem a proposito narrar o facto d'um cocheiro de Paris, observado por Marcé, que parava repentinamente os seus cavallos para evitar obstaculos imaginarios que elle distinguia claramente. Via dez vezes os objectos e, frequentemente, lendo um jornal, era atacado de cegueira completa.

Mas, se casos ha, em que a responsabilidade moral do alcoolico é completamente abolida, outros ha tambem, como já dissémos, em que o alcoolico não é um louco perfeito, não obstante a sua responsabilidade moral achar-se mais ou menos affectada.

N'estes casos, as percepções illusorias são menos energicas, as concepções delirantes menos irresistiveis. A liberdade e a memoria subsistem parcialmente, embora enfraquecidas.

São estados de transição, em que se não pode admittir uma irresponsabilidade absoluta e que realmente são muito difficéis de apreciar.

Deverão ser estes individuos punidos segundo os codigos penaes, que, não sabemos com que bases, estatuem, para um dado crime, uma certa pena? Lucrará o individuo, que é tido como um criminoso, não o sendo na sua essencia, mas antes portador de um estado inicial de alienação mental, com a pena que lhe impozerem? Lucrará a sociedade com o castigar individuos d'uma responsabilidade moral, muito limitada, pelos seus actos, embora maus?

A resposta a estes tres quesitos é sempre negativa.

Se, por um lado, a sociedade tem direitos, como os de garantia da integridade physica dos individuos, da sua liberdade de acção e da sua propriedade legitima, tambem um individuo, que, na maior parte dos casos, não é culpado de seus defeitos, attribuindo-se, somente á, austera hereditariedade toda a sua anormalidade psychica, tem o direito de ser tratado convenientemente e por tal forma, que, não prejudicando mais a sociedade em que elle commetteu uma falta mais ou menos grave, aproveite, se é ainda possivel, d'este tratamento.

Foi para esses individuos, que os inglezes crearam os seus asyllos especiaes de *loucos criminosos* e para os quaes nós tambem possuímos pavilhões apropriados.

VÁRIA



O transporte do peixe

Até ha bem pouco tempo o unico systema conhecido para transportar o peixe, conservando-o fresco, consistia no emprego do gelo.

Um processo novo acaba de ser descoberto na Dinamarca. Despoja-se o peixe dos intestinos e embrulha-se em seguida n'um papel especial.

O peixe conserva-se assim fresquissimo durante muitos dias. Foram feitas experiencias com magnificos resultados em linguados, salmões, bacalhau, etc.

✱

A reconstrução de Messina

Um syndicato inglez do qual é presidente o proprietario do jornal *Daily Mail*, offereceu-se ao governo italiano para a reconstrução de Messina. Nos projectos dos trabalhos estão incluídos um novo porto, dique, quarteis, universidade, edificios publicos e a terminação dos esgotos da cidade.

Os trabalhos serão executados em cinco annos. Um dos bancos de Londres emprestaria ao syndicato a bonita somma de 575 milhões de francos a 3 por cento.

O governo italiano tenciona apresentar a proposta na Camara dos Deputados.

✱

A cura das varizes?

Uma noticia agradável para os que soffrem de varizes.

Acaba de ser communicada por M. Robinson, á Academia das Sciencias de França, a cura das varizes por um processo novo. Trata-se de uma operação effectuada já, a titulo de experiencia, em 30 doentes que parece se encontram radicalmente curados.

Ter-se-ha descoberto, enfim, a cura do terrivel e tão incommodo mal? O tempo responderá.

✱

O leite reduzido a pó

Os srs. Lecomte e Lainville encontraram a forma pratica de reduzir o leite a pó. Acabam de apresentar o seu invento á Sociedade de Agricultura de França.

A evaporação pelo ar quente foi posta de parte. Recorreu-se ao systema frigorifico. O leite é posto emapparehos n'uma temperatura de 2 graus abaixo de zero. A agua que existe no leite separa-se formando crystaes.

Estes elevam-se pela acção centrifuga, restando depois uma massa gordurosa que contem todos os elementos do leite e uma pequena quantidade de agua que se faz desaparecer com um simples aquecimento. Obtem-se seguidamente o leite em pó, que tem um gosto muito mais agradável que o leite fervido. O leite em pó manipula-se com extrema facilidade, podendo adicionar-se-lhe chocolate, etc. Tem tambem a grande vantagem da commodidade do transporte.

✱

A arvore da chuva

Fizeram-se, ha pouco, umas experiencias, com resultado, para a aclimação d'esta preciosa arvore na Europa. E' a *tamai-caspi*, do Perú, e possui uma particularidade original. As folhas absorvem os vapores d'agua suspensos na atmosfera e transformam-nos em chuva abundante e continua.

Durante a secca, quando os rios estão quasi sem agua, e quando o calor attinge o maximo de intensidade, o *tamai-caspi* rende os mais relevantes servicos.

Não rega sómente o pé da arvore. A abundancia de agua que fornece é tal que forma verdadeiras irrigações.

Se se tirasse d'este phenomeno todo o partido as terras seriam admiravelmente fertilisadas. No verão o *tamai-caspi* produz 40 litros d'agua por dia, em minimo. Podem plantar-se 10:000 arvores n'uma superficie de 1 kilometro quadrado, o que nos dá um fornecimento de 400:000 litros, dos quaes, deduzindo dois terços para a evaporação, encontraríamos 150:000 litros para irrigações.

Convem notar que o *tamai-caspi* se desenvolve com relativa facilidade em todos os terrenos e que resiste ás extremas variantes da temperatura. Que bella experiencia a fazer no nosso Alentejo se os interessados, que n'este caso somos todos, se dispozessem a trabalhar n'este sentido.

Quando veremos nós crescer em Portugal o *tamai-caspi*?

✱

As causas da velhice

Está geralmente admittido que a syphilis, o abuso do alcool e do tabaco, e ainda o envenenamento pelo chumbo, constituem as causas determinantes da arteriosclerose, a qual contribue muitas vezes para abreviar a existência.

Mas os mamíferos, como o coelho, o cavallo, que não são susceptiveis de nenhuma das intoxicações acima citadas, estão egualmente sujeitos á arteriosclerose. Segundo a opinião de Metchnikoff o nosso intestino contem bacilos capazes de segregar venenos com a violencia sufficiente para causar o depauperamento do homem. Entre os bacilos foi encontrada uma substancia que se classificou de *indol*.

Fizeram-se experiencias em animaes indemnes com *indol* e não tardou a demonstração exacta do que se suppunha.

A substancia produziu nos animaes submettidos á analyse as mesmas perturbações que atacam o homem na velhice.

AVISO

N'este jornal analysam-se e publicam-se estudos criticos sobre todos os livros dos quaes nos forem enviados dois exemplares. Não se fazem referencias ás obras de que nos seja remetido um só exemplar.